

## A FÉ E A MOTIVAÇÃO DA JUSTIÇA

*A Mudança mais importante que pode ocorrer na vida de um indivíduo é uma mudança em sua fé.*

Leon Tolstoi

Há uma frase bíblica que guardo na memória. Ela me acompanha, assim como acompanhou a igreja cristã desde os primeiros apóstolos, passando pelos primeiros filósofos cristãos, os teólogos medievais, os reformadores e os fiéis contemporâneos. A frase foi escrita por Paulo em uma carta endereçada à comunidade cristã de Roma. Ao citar Habacuque (2,4), um profeta do Antigo Testamento, tem o propósito de ressaltar a fé como força ou motivação primordial para se viver a justiça: *“o justo viverá pela fé”* (Rm 1,17). Mas, qual justiça? Não é a justiça do mundo onde os méritos estão na própria pessoa, mas justiça de Deus que se revela em favor da humanidade.

As perguntas sobre a fé são exigentes e não se contentam com uma resposta objetiva e clara, há sempre um mistério a ser revelado. Neste sentido, talvez seja mais fácil pensar sobre a dúvida metódica, mas, não é o caso aqui. Ainda que as dificuldades apareçam, vale a pena refletir sobre a fé buscando responder algumas perguntas que se nos impõem: Que fé torna alguém justo? Quando a fé se torna um problema e não solução; perdição e não salvação? Opressão e não libertação?

Há, no ocidente, três origens para a palavra fé: Hebraica, grega e latina. Na perspectiva hebraica: o termo *Emunah* é o que melhor expressa esta realidade. Significa não só acreditar no testemunho oral ou escrito de alguém, investido de autoridade, mas obedecer aos mandamentos inspirados por Deus a fim de viver dignamente neste mundo. Vida aqui não se reduz à prosperidade financeira ou longevidade, ainda que estas coisas sejam importantes, mas de entrega àquele que promove a justiça à sua criatura. Na concepção grega do termo *Pistia* não indica simplesmente “crer”, mas é uma atitude inteligente. Em outras palavras, é preciso compreender de forma clara e objetiva o objeto da

crença para que possa ser defendido e testemunhado como verdade. A prática da justiça e do amor dependem desta verdade. Ao traduzir para o latim, Jerônimo entendeu que a palavra *fides* é a que melhor aborda esta atitude, pois indica fidelidade ou assentimento a uma certeza irrefutável. Não basta “acreditar”, é preciso ser fiel ao objeto crido ou àquilo que Deus revela. Madre Tereza de Calcutá observou que a fé “é a força mais poderosa do universo”.

Além desses conceitos há também a fé tomada em seu sentido mais comum. É crença ou convicção e isso independe da razão. Neste sentido, falamos de uma postura natural ao ser humano, independente de doutrinas religiosas. Nascemos numa família e, por mais que desobedecemos aos nossos pais, somos levados a acreditar neles entendendo que eles querem o melhor para nós. Mais tarde vamos à escola, aceitamos os ensinamentos dos professores como uma certeza e, ainda que os contestamos, os multiplicamos como se disso dependesse a nossa vida. Somos conduzidos a exercer nossa cidadania votando em políticos que prometem ou não trabalhar pelo bem da comunidade e da nação. O voto de confiança muitas vezes vem de uma crença carregada de analfabetismo político sem compromisso com a fé cristã. Carlos Drummond de Andrade dizia que a fé, enquanto confiança, não aceita raciocínio. A fé, neste sentido, é entendida como convicção ou voto de confiança nas autoridades que se nos impõe como poder que garante justiça e paz. Ela pode até levar a uma vida melhor, mas pode contribuir, de forma alienada, para a prática da injustiça. A fé, enquanto convicção arraigada à injustiça, pode ser inimiga da verdade, como bem observava Nietzsche.

Repensar a fé é um empenho teológico. Ao retomar a máxima paulina, repetida pelos reformadores, podemos pensá-la como uma opção ou uma escolha racional. Tertuliano, um dos primeiros teólogos cristãos, entendia que “crer é um absurdo” e, por isso, reduzia o ato de fé à crença natural ou a um poder irracional. Sua postura foi criticada pela maioria dos Pais posteriores, principalmente por Agostinho que entendia a fé como uma atitude direcionada a um mistério que deseja se revelar, por isso é compreensível que a pessoa se empenhe a entender o que crê. A fé, na perspectiva cristã, é ao mesmo tempo motivada pela justiça e motivadora da justiça. Não é mera crença ou confiança incondicional em uma autoridade. A fé propõe uma estrada rumo ao infinito,

neste sentido é esperança, porém é caminho que se propõe aqui e agora e o preço de sua empreitada é a justiça para todos os seres humanos. A fé tem em sua essência o diálogo. Em *Cristianismo: religião do diálogo* escrevi: “No diálogo, ao se confrontar com uma verdade alheia, a fé se fortalece ainda mais, pois se cultiva a certeza de que pela alteridade muito se pode aprender e ensinar”.

O teólogo Leonardo Boff, ao meu ver, traduz o que disse acima: “*É preciso um processo de conversão para descobrir que a dimensão social libertadora é o eixo central da revelação bíblica e o coração da espiritualidade judaico-cristã.* Ela expressa a relação com um Deus que é amor e cujo projeto é a libertação de todos os humanos, o direito à vida de todos os seres vivos e a comunhão do universo”. Termina dizendo, como Kierkegaard, que “a fé é a mais elevada paixão do ser humano”, mas acrescentando: em direção à justiça.

José Neivaldo de Souza é teólogo e psicanalista

Neivaldo.js@gmail.com